

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE AS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

Preços: (com estampilha)

Anno, 34540 réis — Semestre, 17270 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreeve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 28. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folhas avulsas, 40 réis — Anuncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 34000 réis — Semestre, 17500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 261

SEXTA-FEIRA 8 DE JANEIRO DE 1864

QUARTO ANNO

AVEIRO

Continuaremos a lembrar ao governo e ás côrtes as reformas e melhoramentos, que julgamos de maior urgencia; e um d'estes é sem duvida reduzir a cultura os terrenos baldios.

Esta medida é d'ha muitos annos reclamada; e para nos dispensarmos de mostrar a sua necessidade, lemitar-nos emos a transcrever um trecho de Filangier, Scien. da Legi-l. Tom. 2. Cap. 12 pag. 151 que é digno de lêr-se e diz assim: «Estas terras, que pertencem ao todo, e que por consequencia não pertencem a ninguém; estas terras, que em cada nação formam um espaço immenso consagrado e dedicado á esterilidade; estas terras, que vendidas aos particulares fariam augmentar quasi um terço da massa da reprodução annual; estas terras enfim, que poderiam fornecer a um legislador illuminado os meios de começar uma grande reforma do systema universal dos impostos: estas terras, digo são condemnadas a enlanguescer para dar nutritura a alguns gados, que a indigencia ali conduz; porque ella não acha mais occupações no que não tem de propriedade. O temor de prejudicar a esta classe infortunada de cidadãos, que porém seria a primeira a aproveitar-se da venda dos communs, aparta e distrahe nossos legisladores d'uma empreza, que furia, talvez, na Europa mudar de face a agricultura.»

Isto, que este e outros abalissados economistas sentiram, ha muito, está hoje no pensar de todos.

O systema actual de aforamento dos baldios não tem dado os resultados, que devia dar; e a razão é talvez por ter de ser feito em hasta publica: de maneira que aquelle que o requer não tem a certeza de o obter; e por isso ninguém se arrisca a fazer grandes despesas sem ter a certeza de conseguir o seu fim.

Não queremos, porém, reprovar o systema da hasta publica, quer seja no aforamento quer na venda dos terrenos baldios, antes o julgamos conveniente, quando se adoptar uma medida geral, que mande aforar ou vender estes terrenos por um acto da auctoridade publica, e independente de requerimentos dos interessados. Hoje que a propriedade predial é muito procurada, e o seu preço tem subido o mais talvez, que pôde subir; era sem duvida a melhor occasião de cuidar d'este grande melhoramento economico e financeiro, que augmentaria muito a riqueza publica, dando uma applicação lucrativa aos capitães, que abundam; e se acabaria com esta praga de zeladores e guardas rraes, que infestam os municipios.

Mas, em quanto se não toma uma medida geral, lembramos outra provisoria, de que talvez se tirassem bons resultados; qual era permittir-se ás camaras municipales fazerem aforamentos ou venda de baldios de pequeno valor independente d'ha hasta publica; obrigando as, porém, a ouvirem sempre e preferirem, tanto por tanto, os donos de predios confiantes com esses baldios, com pena de nullidade do acto.

E na verdade temos muitos baldios a correr com propriedades, os quies junctos a estas muito as formoseavam e faziam muitas vezes o seu complemento, e que se fossem aforados a pessoa diversa não dariam o preço que podem dar; e até prejudicariam as servidões d'aquelles predios. A correr com as estradas vemos frequentes vezes muitos d'estes terrenos de valor insignificante, que por isso não merecem a pena das despesas do aforamento na forma da lei, e que incultos desformoseam as mesmas estradas; inconveniente que de certo se evitava com a medida provisoria que indicamos.

Cremos que o governo e camara legislativa, que emprehendeu a grande obra da desvinculação da terra, não ha de descurar esta e outras reformas tendentes a promover o adiantamento da nossa agricultura e a liberdade da terra, sem a qual de pouco nos serviria a liberdade politica.

O nosso patricio e amigo o sr. Agostinho Pinheiro endereçou nos a carta que adiante publicamos, em que nos pede que transcrevamos nas columnas d'este jornal um artigo sobre seguros mutuos de vidas, ha dias publicado pelo «Journal do Commercio», acrescentando de sua casa algumas considerações tendentes a demonstrar a vantagem de se generalisar em Portugal tão util como humanitaria instituição.

Pede-nos, além d'isso, o sr. Pinheiro que o

conduzemos no louvavel empenho de convencer o povo das consideraveis vantagens inherentes á instituição dos seguros de vidas.

Da melhor vontade accedemos ao pedido, no tocante á transcripção do artigo, e á publicação das judiciosas reflexões da carta com que entendeu dever preceder-o. Quanto ao mais não será cousa facil satisfazer o empenho do nosso amigo, porque não poderíamos tractar o assumpto melhor do que o faz o «Journal do Commercio» e a carta do sr. A. Pinheiro, que nada deixam a desejar.

Apezar d'isso, porém, não nos dispensamos de dizer mais tarde alguma cousa sobre a materia, o que hoje não podemos fazer por falta de espaço.

Amigo e sr. redactor.

Tenho ha tempos a tenção de chamar á sua consideração um assumpto que reputo de summa importancia, e sobre o qual me parece de muita utilidade esclarecer o publico. E' o seguro mutuo de vidas que, a exemplo d'algumas companhias hespanholas, ha pouco estabeleceram entre nós o Banco União do Porto, de que sou agente n'esta cidade.

Não podendo ainda hoje satisfazer ao meu proposito, e urgindo o tempo, porque é agora a occasião mais favoravel para aproveitar os beneficios da instituição, resolvi utilizar-me do bem escripto artigo com que, sobre o mesmo objecto, acabo de deparar no número junto do *Journal do Commercio*, e que lhe peço o favor de transcrever no seu jornal.

O estabelecimento dos seguros mutuos sobre a vida é cousa ainda nova no nosso paiz. Merece por consequencia ainda a repugnancia de alguns, que desconfiham das suas vantagens, e d'outros que teimam em não querer conhecê-las. Preciso é pois que os homens que estão collocados em posição propria para encaminhar o espirito publico tomem sobre si a tarefa de fazer-lhe conhecer o proveito que podem usufruir dos seguros mutuos sobre a vida.

A imprensa principalmente compete esta missão. Estou convencido que é por ella que ha de chegar melhor ao conhecimento de todos o uso, e a proficuidade da instituição.

Ha classes sociaes para quem ella é um grande beneficio, e que são geralmente as que menos a aproveitam. Refiro-me particularmente ás classes dos industriaes e funcionarios publicos, onde os pais de familias, entre nós, raro logram crear fortunas para deixar a seus filhos, disfrutando ás vezes proventos avultados enquanto vivos. D'ahi resulta frequentemente os filhos d'aquelles que viveram na abundancia acabarem ás vezes quasi na indigencia.

O artigo que remetto prova concludentemente como por meio dos seguros mutuos de vidas é facil a todos assegurar, com pequeno sacrificio annual, a subsistencia de seus filhos.

Onde existe tão pronunciada repugnancia pela vida militar, onde os pais empenham a sua ultima geira para comprar a substituição de um filho, d'aquelle mesmo filho a quem não mandaram aprender a ler por desleixo, e pela educação do qual seriam incapazes de fazer o menor sacrificio pecuniario, não se comprehende como não é geralmente aproveitada esta instituição para accumular uma quantia necessaria para pagar as substituições que o estado exige.

Para isto chamo particularmente a attenção de v. Estou convencido que muita gente não aproveita este beneficio porque o ignora. Não custa a ninguém economisar 250 réis por mez durante dez annos, ou se custa, custa de certo muito menos do que apromptar 30 libras d'um dia para o outro. Repito: se isto fosse mais conhecido, penso que seria geralmente aproveitado.

Não se se alguém se detem com o escrupulo de perder as annualidades com que tem entrado no caso de fallecer o filho segurado, antes de terminar o periodo d'annos por que está seguro. A grande vantagem, porém, é d'ahi mesmo que se deriva. E' por se arriscar a perder, morrendo o segurado, que mais lucrará se elle viver. E o pai que perde seu filho, pouco perde mais, perdendo tambem aquillo que destinara para assegurar o seu futuro.

Mas para os que não achrem convincentes estas razões tambem o Banco admite seguros com reserva do capital, ou com reserva dos lucros. Ganha-se menos, mas ha a certeza de em qualquer eventualidade se não perder o capital com que se entrou, ou os lucros obtidos por elle.

Nós somos o povo mais desconfiado da Europa, e em quanto não conhecemos bem qualquer negocio, que nos propoem, desconfiamos sempre que n'elle ainda logro encoberto. Peor é se elle nos promette grandes vantagens. Resistimos a todos os argumentos, parecendo-nos incrível que alguém tome interesse pelo nosso bem estar.

Com os seguros mutuos tem acontecido assim. As companhias hespanholas já tem em grande parte levado de vencida estas meticulosas apprehensões, mas ha ainda muita gente que pergunta, com um risinho de mofa, que interesse tem *esses bancos* em metter assim o diuheiro á gente por a porta dentro!

E' preciso dizer a esses incredulos mãos, que, alem da vantagem social, os estabelecimentos que tem a administração dos seguros mutuos de vidas percebem no acto da subscripção cinco por cento da quantia subscripta, e que são estabelecimentos solidos, e a respeito dos quaes não pôde haver a menor suspeita.

Com relação ao Banco União do Porto, que é um estabelecimento bem conhecido de todos, ociosa seria qualquer informação. E' uma casa bancaria do nosso paiz, que tem até a vantagem, que falta a algumas estrangeiras, de poder facilmente ser vigiada pela solicitude de todos nós.

Devo acrescentar a razão por que urgia o tempo de fazer esta publicação, e é preciso aproveitar a oportunidade de fazer com maior vantagem qualquer seguro. E' porque a direcção do Banco União acaba de annunciar que, em consequencia da grande affluencia de subscriptores, continuá até ao dia 25 do corrente a admitir seguros para quinquenios que principiam no 1.º de janeiro. D'este modo quem subscreeve até áquella data tem as mesmas vantagens dos que estão já subscriptos: quer dizer — toma-se bem conta — adianta um anno na subscripção, sem ter depois de pagar retrazzo.

Ainda faria mais algumas considerações que vinham a proposito se fosse outra a disposição do meu espirito. Isto mesmo escrevi ao correr da penna, o que julgo ter direito a que me seja desculpado.

De v. espero mais. Espero a sua inscripção n'esta cruzada. Espero e peço que não desista, sempre que possa, de falar d'esta instituição, e concorrer para que se difundam as suas vantagens. A v. estou certo que não preciso encarecer as. Sei que as aprecia. Mas fazendo com que ellas se tornem conhecidas creia que presta um bom serviço a muitos dos seus leitores.

De v. etc.

Aveiro, 7 de janeiro de 1864.

A. D. Pinheiro e Silva.

Seguros mutuos sobre a vida do Banco União do Porto

O homem é naturalmente imprevidente, pensa pouco no futuro, entrega-o aos acasos e ás contingencias da vida. E não só é imprevidente sobre a sua propria sorte, mas sobre a dos entes que mais ama, e a quem deseja um prospero destino depois da sua morte.

Aquelles que a fortuna mais favoreceu, e que, ou por herança ou por afortunadas emprezas chegaram a accumular um capital solido e ao abrigo dos asares da sorte, confiam no futuro proprio e da sua familia, certos de que os capitães que possuem jámais se perderão — certeza humana, e quantas vezes fallivel!

Aquelles que por industria adquirem abundantes meios de subsistencia, occorrendo amplamente ás necessidades da vida, e até as prodigalidades luxuosas, não se recordam de que, em hora incerta, a morte os surpreheuderá, e que os meios de viver que grangeavam, acabarão para os seus, que ficam na mais triste perspectiva da miseria — a miseria depois da abundancia.

Aquelles que puramente subsistem dos modicos recursos da pequena industria, e que n'um dia consomem o que n'esse dia ganharam, legam fatalmente o infortunio aos que lhe sobrevivem; e as suas familias, depois do morto do chefe, estendem a mão á caridade publica, ou definham n'um trabalho improbo e que não pode ministrarlhes meios de subsistirem.

A maior parte dos homens attendem só ao presente, enlevam-se nos gosos da actualidade, e não encaram o tempo que ha de vir, incerto, subordinado a variadissimos caprichos independentes e quasi sempre superiores á previsão e á vontade humana.

A intelligencia do homem fecunda para o

mal, mas tambem fertilissima para o bem, descobriu o meio de subministrar á sociedade recursos para excitar o proprio homem a ser previdente, e a acudir á debilidade da velhice, a dispor o futuro da infancia, a valer ao desamparo das familias, a dotar as filhas, prevenindo a triste sorte a que a mulher ainda está condemnada, e emfim a adquirir capitães, isto é, meios de viver e de lidar no mundo, por meio de economias moderadas lançadas n'uma caixa commum.

Entre varias instituições são as Sociedades de Seguros mutuos de vida o grande achado, a grande descoberta, para garantir o futuro dos individuos e das suas familias.

Se o rico tirar ao seu luxo uma certa quantia annual, e a depositar n'aquelle grande cofre, ao cabo de alguns annos possuirá um capital certo, que terá escapado a todas as alternativas do commercio, e da industria, e a todos os desvarios que arrelatam e perdem muitas vezes o homem mais cauteloso.

O remediado encontrará na Sociedade de Seguros mutuos de vida um recurso para a velhice, para dotar a filha, para constituir uma renda ao filho, para valer enfim aos que lhe sobrevivem.

O pequeno industrial, se se privar de alguns passatempos, se, porventura, sem faltar ao necessario, todos os dias accumular uma pequena somma para a deitar na grande caixa da sociedade, decorridos alguns annos, achará um capital, que por nenhum outro meio poderia haver, capital para si, ou para a sua viuva, ou para os seus filhos.

Finalmente todos, ricos, remediados e pobres podem hoje, a troco de pequenas economias, adquirir capitães, relativamente valiosos, ou para o tempo da incapacidade physica, ou para occorrer a desgraças imprevistas, ou para os legarem ás suas familias.

Estas sociedades de seguros mutuos de vida, generalizadas e popularizadas, já fazem milagres, e já é muito consideravel o numero de subscriptores e segurados.

Em Portugal começaram as sociedades hespanholas chamando a attenção publica para este assumpto. Agora o «Banco União do Porto», conhecendo as vantagens de tão util e humanitaria instituição, estabeleceram os seguros mutuos de vidas, e em tres ou quatro mezes de existência viu inscriptos 700 subscriptores com um capital de 500 contos, e aqui em Lisboa, onde se acha o seu agente viajante, ha um mez, já tem inscriptos 200 subscriptores com o capital de 113 contos!

Estes algarismos dão a medida do convencimento geral acerca das vantagens d'esta instituição e ao mesmo tempo da confiança que inspira tão importante estabelecimento de credito.

O systema adoptado pelo «Banco União do Porto», é igual ao das sociedades hespanholas, na subscripção e liquidação; as suas condições são pois identicas devendo notar-se, que sendo os capitães d'estas sociedades empregados em fundos publicos, os fundos portuguezes offercem a vantagem de maior juro, por estarem mais baixos — e além d'isso os capitães subscriptos aproveitam ao proprio paiz.

O «Banco União do Porto», prestou um serviço social, tomando a dianteira na organização da «Sociedade do Seguros Mutuos de vida». Por este modo promove os interesses do proprio estabelecimento, e satisfaz a uma indicação humanitaria.

Como dissemos as condições do «Banco União do Porto» são eguaes ás das sociedades hespanholas.

Como é sabido n'estas instituições, ou para melhor dizer, na mesma sociedade ha diferentes sociedades.

O subscriptor ou segurado pode subscreever sujeitando-se a perder o capital e lucros, se porventura morrer antes da epocha da liquidação, revertendo capital e lucros a favor dos outros segurados.

Pode o subscriptor ou segurado subscreever com perda do capital somente, e n'este caso ainda que o segurado morra, os lucros são para os seus herdeiros.

Ou finalmente pode subscreever com perda de lucros somente e então, os herdeiros recebem as entradas na epocha da liquidação, e os lucros entram no cofre commum.

As tabellas que o Banco publica, e os seus estatutos, definem com clareza quaes são as vantagens que offerece.

Para nós, aquelles a quem mais aproveitam

os seguros de vidas, são os paes de familia. O seguro feito em nome do filho, apenas nasce, constitue-lhe um capital, ao cabo de 20 ou 25 annos, que o põe ao abrigo da miseria, e o habilita a empregar qualquer modo de vida livre da usura e desassombração.

Supponhamos que um pae, no intento de dotar sua filha, subscreeve annualmente com a quantia de 5\$000 rs., logo depois do seu nascimento. Passados 20 annos tem depositado no cofre commum do «Banco União» a somma de 100\$000 rs., e sua filha terá um dote de 1 conto de réis. — Se tiver depositado 10\$000 rs. terá 2 contos de rs.

A quantia de 5\$000 rs. é o minimo da subscrição, e pode a annuidade ser paga em prestações mensaes, entendendo-se sempre que o anno se conta de 1 de janeiro a 31 de dezembro: a duração dos seguros é de 5 a 25 annos, e as liquidações de 5 em 5 annos.

Este systema facilita as subscrições das pessoas meoas abastadas. O operario, a criada de servir, o pequeno industrial, a troco de uma pequena economia annual podem haver um capital, que na velhice ou na impossibilidade de trabalhar, os livre da necessidade. O sacrificio que pode custar a economia será bem compensado com a criação do capital, que se encontra na hora da afflicção.

Um pae, que do producto do seu trabalho entrega ao grande cofre a somma de 5\$000 rs. annuaes, em favor do seu filho, quando este chega á idade de pagar o tributo de sangue, caido-lhe a sorte para soldado, acha-se livre das amarguras, dos cuidados, que lhe causa ver seu filho exposto ás durezas da vida militar, ou mesmo privado da sua cooperação para manter a familia, tem os fundos necessarios para o substituir livre da usura, livre de alienar ou empenhar alguma fazenda que amanha ou possui, ou algum moavel a que muito queira. Vale a pena o sacrificio da economia de 5\$000 rs. por anno, para evitar maiores sacrificios, e um desassocego que sempre o persegue não tendo meios para substituir o filho.

Mas supponhamos um alto empregado publico, um medico, um negociante, um industrial, ou, enfim, qualquer que vive amplamente, mas só do seu trabalho, se este quizer constituir uma pensão a seu filho, ou dotar sua filha, subscreevendo com a quantia annual de 100\$000 réis, economisando providentemente essa somma, tendo cada um 19 contos de réis, ou 23:500\$000 réis aos 25.

Nenhum outro meio ha mais facil, mais, tranquillo de occorrer com paternal cuidado ao futuro dos filhos.

A incertesa da vida não é argumento que invalide as vantagens do seguro, porque no modo de realizar a subscrição por algum dos tres systemas indicados, se póde salvar o capital ou os lucros.

Mas supponhamos que tudo se perdesse, perde-se como o dinheiro empregado na educação e instrução dos filhos, quando elles morrem.

Os monte-pios e as caixas economicas offerecem uma garantia na pensão ou na conservação do capital, porém nos seguros de vida correm-se as contingencias da vida, mas por isso se auferem lucros, que as outras instituições não podem offerecer, sendo sempre licito salvar o proprio capital ou os lucros.

Vulgarisar o «Seguro mutuo de vidas do Banco União do Porto», popularisar esta instituição humanitaria e civilisadora, como todas as da sua natureza, é dever da imprensa.

Começou o Banco a sua sociedade debaixo de bons auspicios, e tem direito a esperar que a sua tentativa encontrará rasgado apoio, constituindo-se n'um poderoso estabelecimento.

As garantias que offerece de credito, o convencimento geral da utilidade d'estas instituições, a sua nacionalidade, são titulos certos de prosperidade.

A «Sociedade de Seguros mutuos de vida», do Banco União do Porto, foi authorisada por decreto de 3 de agosto de 1863, e o numero dos subscriptores já existentes, e o capital subscripto, que já passa muito de 600 contos, abonam o que dizemos.

Estrada d'Agueda a Oliv. do Bairro

AO SR. DUQUE DE LOULÉ

No nosso precedente artigo estranhámos o procedimento do sr. duque de Loulé, ministro das obras publicas, a respeito da representação que o corpo commercial d'Agueda dirigiu a s. ex.^a; e expendemos algumas das razões, que militam a favor dos signatarios da dita representação.

Hoje continuaremos a occupar-nos do mesmo assumpto que parecerá, talvez, intrincado ao sr. ministro das obras publicas, e não o desampararemos, enquanto s. ex.^a não se dignar ouvir os supplicantes, porque tem toda a justiça.

O concelho d'Agueda, de quem somos interprete, confia muito no nobre duque, para deixar de esperar que s. ex.^a attenda mais tarde ou mais cedo a petição do seu respeitavel corpo commercial.

E nós não esperamos menos de s. ex.^a, do que o concelho d'Agueda; e por isso acrescentaremos mais algumas considerações ás que fizemos no antecedente artigo.

Ainda que a projectada diligencia se não creasse, o que não cremos, seria assim mesmo a estrada alludida de tão superior utilidade para

o rapido movimento do commercio d'Agueda, pela proximidade da estação de Oliveira, que, só quem experimentasse esse indizível bem, poderia fazer uma comparação exacta entre ella e a de Mogofores; porque os transportes custariam menos de metade do que os feitos pela estrada de Lisboa até Mogofores. Além d'isso o numero de passageiros está sempre na razão inversa da distancia. Isto é da natureza das coisas.

D'onde se conclue que a falta de fáceis vias de comunicação equivale a uma contribuição indirecta para o povo; porque, podendo fazer o costeiro das suas despezas ordinarias por 5, quando os transportes são baratos, gasta 10, ou 15, por causa do preço subido dos mesmos, quando não ha estradas pelas quaes possam fazer-se com mais facilidade.

Finalmente, tal estrada é absolutamente exigida pela estação dos caminhos de ferro em Oliveira do Bairro, affin de ligar o concelho de Agueda com ella, por lhe ficar mais proxima do que qualquer outra.

Entre os concelhos ruraes poucos haverá de mais população e riqueza que o d'Agueda; pois apesar d'isto até ao presente nada tem que agradecer aos governos constitucionaes, a não ser a estação telegraphica.

Atravessa-o a estrada que vem de Lisboa ao Porto; mas por isso não tem os seus habitantes que estar agradecidos a ninguém, porque já ali passava a antiga estrada. A actual apenas foi macadamizada, e isso mesmo com bastante imperfeição.

Ora, já que o concelho d'Agueda não é devedor ao governo de nenhum melhoramento, constitua-o agora o sr. ministro das obras publicas n'esse dever, mandando estudar a directriz da estrada, pedida pelo corpo commercial d'Agueda, para em seguida a mandar construir. Com isto fará s. ex.^a ao concelho d'Agueda um relevante serviço, pelo qual estamos certos que elle ha de saber mostrar-se agradecido.

A. F. de Campos.

PARTE OFFICIAL

Ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça

Direcção geral dos negocios de justiça

1.^a Repartição

Lista dos substitutos dos juizes de direito, a que se refere o decreto d'esta data, nomeados para as comarcas do districto judicial da relação de Lisboa.

(Conclusão do numero antecedente.)

MONTEMÓR O NOVO

Justino Coelho Pallinha
O bacharel Balthazar Mousinho de Vasconcellos
José Joaquim de Villa Lobos
José Joaquim Fiuza Girão.

MOURA

O bacharel Antonio Maria Tovar de Lemos
José do Prado Fragozo Torres Salgueiro
Domingos Maria Gavião Peixoto
João do Carmo Raposo.

NIZA

O bacharel Antonio Bibiano Biscaia e Horta
José Maria de Barros Carvalhaes e Brito
José Semedo Beato Gomes
José de Sousa Junior.

ODEMIRA

Luiz Francisco Marreiros
José Maria Lopes Falcão
Matheus Antonio Jara
Jeronymo Maximo de Almeida.

POMBAL

Bernardo Correia da Costa
O bacharel Lino Lider Lopes do Valle
O bacharel Francisco Marques Manço Preto
O bacharel Antonio Adelino Lopes Vieira.

PORTALAGRE

O bacharel José Maria de Pina e Carvalho
O bacharel Francisco Antonio da Rosa
O bacharel Joaquim de Araujo Juzarte
Luiz Xavier de Barros Castello Branco.

PORTO DE MOZ

Francisco Henriques de Oliveira
Antonio Marques
Manuel Caetano da Silva Cunha
José Pedro Dias.

REDONDO

João Antonio Marques Rosado
O bacharel Isidoro Maria Queimado
Antonio Vicente Gomes.
João Marques Rosado Perdigão.

SANTAREM

Antonio Innocencio Cabral Calheiros
Pedro de Sousa Canavarro
Alexandre Marques Sampaio
Francisco de Freitas Macedo.

SETUBAL

Rodrigo Antonio de Andrade Freire
Antonio Carlos Keizelher
José Groót Pombo
Martinho da Silva Mendes.

SILVES

Manuel Lopes dos Reis
Francisco de Paula Lobo da Fonseca Simões
João Mascarenhas Neto
José Cabrita Nunes.

TAVIRA

O bacharel Francisco José Marques Freire
Francisco de Assis Peres
José Daniel da França Mattos
Frederico Honorato da Costa Belles.

THOMAR

Dr. João Vieira da Silva Vasconcellos Sousa e Almeida
João Mousinho de Sousa Zuzarte da Silveira
Joaquim Delgado da Silva.
Pedro de Roure Pietra.

TORRES NOVAS

O bacharel João Antonio Mendes de Carvalho
O bacharel Miguel Antonio Dias
O bacharel Luiz Carlos de Souto Rodrigues
Pedro Maria Dãnte Pereira.

TORRES VEDRAS

O bacharel José Eduardo Cesar
Joaquim José Rodrigues da Silva
Antonio Jacintho da Gama Leal
Francisco Tavares de Medeiros.

VILLA FRANCA DE XIRA

O bacharel Augusto Joaquim Henriques Ribeiro de Paiva
Joaquim José de Figueiredo Leal.
Maximiliano Antonio de Mello Baracho
José Francisco de Araujo.

Paço, em 24 de dezembro de 1863.—Gaspar Pereira da Silva.

Lista dos substitutos dos juizes de direito, a que se refere o decreto desta data, nomeados para as comarcas do districto judicial da relação dos Açores.

PONTA DELGADA

O bacharel João Maria Botelho de Sequeira
João Soares de Sousa Canto e Albuquerque
Filippe de Andrade Albuquerque Bettencourt
Luiz Pedro Severim.

RIBEIRA GRANDE

O bacharel Pedro José Baptista
Antonio Manuel da Silveira Estrella
Felix José Ferreira
Joaquim de Medeiros Camara Bettencourt.

VILLA FRANCA DO CAMPO

Antonio Cazimiro da Silveira Moniz
Angelo José Dias Botelho
José Francisco de Matos
José Alexandre Garcia de Abranches.

SANTA MARIA

Alexandre José de Barros
Ernesto Monteiro Tavira Velho Bettencourt
Leandro Joaquim Ferreira
Antonio Xavier da Camara Falcão

ANGRA DO HEROISMO

O bacharel João José de Simas e Cunha.
Francisco de Paula Barcellos Machado Bettencourt
Rodrigo Zagallo Nogueira
Luiz Pacheco do Canto e Lima.

HORTA

Sergio Augusto Ribeiro
Laureanno de Sequeira
Thomás José Luiz de Bettencourt
Joaquim Pereira de Lacerda.

GRACIOSA

Barão da Fonte do Mato
José João de Simas e Cunha
José Correa de Mendonça
Bartholomeu Alvaro da Cunha Silveira Bettencourt.

FLORES

Jeronymo Lino de Freitas
Matheus Luiz de Almeida
Antonio Maria Corvelo
Antonio de Gouveia Valladares.

PICO

Joaquim Antonio Linhares
João Garcia de Matos
João José de Mello
João José de Simas Villa Lobos.

S. JORGE

João Teixeira Soares de Sousa
João Pereira de Lacerda
Thomás Terra da Camara Brocô.
Paço, em 24 de dezembro de 1863.—Gaspar Pereira da Silva.

CORTES

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

(Sessão de 4 de janeiro de 1864)

Presidencia do sr. C. J. da Costa (Decano)

A 1 hora da tarde foi aberta a sessão estando presentes 105 srs. deputados.

O sr. presidente — Disse que se ia proceder á eleição dos individuos cujos nomes deverião formar a lista quintupla da qual sva magostade ha de escolher o presidente e vice-presidente.

Depois de feita a chamada verificou se terem entrado na urna 105 listas, sendo brancas.

Corrido o escrutinio saiu eleito por maioria absoluta o sr. Cesario Augusto d'Azevedo Pereira que obteve 63 votos.

Tendo tambem obtido o sr. Roque Joaquim Fernandes Thomaz 41 votos.

Possou-se ao segundo escrutinio e feita a chamada entraram na urna 104 listas.

Saiu eleito o sr. José de Oliveira Baptista com 63 votos.

Obtiveram os srs.:

Fernandes Thomaz 39
Lopes Branco 1

Foi lido na mesma um officio participando á camara o fallecimento do exm.^o sr. conde de Laborim, vice-presidente da camara dos dignos pares, participando egualmente que o seu funeral terá lugar amanhã pelas 5 horas na tarde no templo de Santa Izabel.

Por indicação do sr. presidente foi unanimemente approvado que se lançasse na acta que a camara tinha recebido com profundo sentimento a participação de tão infuasta noticia.

O sr. presidente — Disse que se ia proceder á eleição dos 3 membros restantes para completar a lista quintupla.

Sendo feita a chamada entraram na urna 99 listas, encontrando uma lista a mais da des-carga.

O sr. presidente — Em vista d'esta circumstancia pôz á deliberação da camara se queria que se corresse o escrutinio ou que se procedesse a nova votação.

Resolveu-se que corresse o escrutinio, saindo eleitos os srs.:

Sá Nogueira com 63 votos
Plácido d'Abreu 63

Faria Guimarães 62

Obtiveram votos os srs.:

Alves Chaves 12 votos
Gomes Brandão 6

Frazão 8
Rodrigues Camara 3

Silva Cabral 1
Quaresma 1

Rodrigues Vidal 1
Garcez 1

O sr. presidente — A commissão que ha de apresentar a el-rei a lista quintupla será composta dos srs. barão do Rio Zezere, Augusto Xavier Palmeirim, Martens Ferrão, Barão das Lages, D. Luiz da Camara Leme, H. Faria Branco, e Sant'Anna e Vasconcellos.

O sr. barão do Zezere — Declarou que caso essa deputação tenha de se apresentar amanhã, era-lhe impossivel fazer parte della.

O sr. presidente — Caso que o sr. barão do Zezere não possa acompanhar a deputação, nomeio para o substituir o sr. Carlos Brandão Ferreri.

Passou-se á eleição dos dois secretarios, e feita a chamada entraram na urna 61 listas obtendo só maioria absoluta o sr. Miguel Osorio Cabral que teve 58 votos.

O sr. ministro do reino — Participou á camara que a deputação que deve apresentar a Sua Magestade a lista quintupla será recebida amanhã pelo meio dia no real paço d'ajuda.

O sr. presidente — Dando para ordem do dia de amanhã as eleições de um secretario que falta e de dois vice-secretarios, levantou a sessão.

Eram 3 1/2 horas da tarde.

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

Figueira 20 de dezembro de 1863.

E' preciso revestir-se a gente da paciencia de Job, para poder soffrer os chatos da imprensa da rua dos Cyprestes, que fazem espalhar até ás terras do Brazil, um papeluxo, a que deram o nome de «Figueirense», recheado de necesidades, improperios, injurias, mentiras e tudo mais que a decencia reprova. Arremessados a um caminho perdido e tortuoso, correm e seguem, illudidos

por esse instrumento de vaidade, o seu rumo não a ponto de merecerem o desprezo da gente sensata.

Todos os domingos (é por festa) surge rai-vendo esse papel, que tantos dissabores tem cau-sado!

Tres ou quatro individuos, arvorados em defensores e procuradores dos interesses d'uma terra importante, como é a Figueira, tem acar-retado o descredito a esta villa, que era digna de melhor sorte; pois quem vir as inconveniencias que elles vomitam n'esse papel, pensará talvez que na Figueira não ha pessoas competentes, ou que se descure dos seus interesses.

O resultado que a Figueira tirou das loucas e vaidosas pretensões d'estes homens, foi o fazer ponto nos melhoramentos progressivos que seus habitantes experimentavam. Ali estão pois, as consequencias da vaidade desmedida d'esses individuos que criaram, o «Figueirense», e que hoje o sustentam, para sustentar um capricho sem classificação honesta.

A guerra ao sr. engenheiro Silva foi e é um arrojado de maldade. A protecção, que a Fi-gueira teve, devida em grande parte a s. ex.^a, é um facto, que d'ha muito condemnou os seus aggressores.

O sr. dr. Borges, ex-presidente da camara, tem sido tambem acerbamente insultado: e um dos factos monstruosos da sua vida publica é, no parecer d'esses homens, despendido o municipio a quantia de 154,826 réis, em importantes melho-ramentos do concelho, quando, dizem elles, o seu valor deveria exceder a 10 ou 12 contos de réis (!!!) «Figueirense» n.º 15, p. 4, colun. 1.^a

É certo, porém, que esses homens que tanto quizeram zelar os dinheiros do thezouro, redu-ziram a sua propria terra ao abandono dos pode-res publicos! Não de permitir que lhes cite aqui aquelle proverbio de que usam, e que por sor d'elles, lhes fica a matar: «amigos que não prestam e faço que não corta, que os leve o diabo pouco importa.»

Eu e meu irmão João, somos considerados pelo «Figueirense» como seus inimigos. Ainda bem que neste ponto fallou verdade. Sim; somos inimigos do «Figueirense»; porque nunca transi-gimos com a calunnia, com a indecencia e com a mentira. Engana-se contudo o papel, quando diz que na Figueira só quatro pessoas lhe decla-raram guerra. A Figueira, tem muitissima gente boa, e essa nunca lhe deu assentimento.

Dissemos que não queriamos transigir com a mentira, porque esta palavra é o timbre d'aquella redacção. Nasceu com ella, com ella vive, e abraçada com ella cahirá na sepultura.

Querem que o «Figueirense» seja um perio-dico, um jornal? Pois seja, mas mudem do rumo se podem, em quanto a ideias, ao modo de as expressar e á apreciação dos factos.

Quando o «Figueirense» respondeu tão in-solitamente ao que a seu respeito escrevi no «Campeão» n.º 1169, resolvi desde logo, votal-o ao mais completo desprezo; esperando sim oppor-tunidade para o chamar aos tribunales.

O «Figueirense», que cita proverbios, que aliás lhe podem servir de carapaca, devia ter visto em algum alfarrabio esta maxima «é vergo-nhoso dizer aquillo que não é decente fazer»; e se a tivesse seguido, não augmentaria o desgra-do da opinião publica. Mas que? o alvo do «Fi-gueirense» estava fitado: elle publicava a sua propria condemnacção.

O communicado que vem no n.º 18, e que o «Figueirense» diz ser d'um seu amigo e assi-gnante, mas que pelo rodar da carroagem se de-prehende ser parto da redacção, é mais uma bel-leza d'imaginação esquentada e pedantesca, que nem para ir serve.

De resto direi: não tenho relações com o sr. Francisco Maria Pereira da Silva, distincto engenheiro hyraulico, a quem tenho ouvido fazer altos elogios como homem publico e particu-lar; e da mesma forma as não tenho com o sr. dr. José Joaquim Borges, que igualmente gosa d'excelente conceito: tiro-lhes o meu chapeo quando os encontro, e nada mais.

Sou, sr. redactor

De v. etc.

Alberto Xavier.

(Segue-se o reconhecimento.)

EXTERIOR

Apesar das difficuldades, com que tem lucta-do a Polonia de que tentou reconquistar a sua autonomia, a Hungria tenta inital a esforcando-se por sacudir o jugo austriaco que tanto lhe peza.

Os húngaros preparam-se para combater contra os seus dominadores. Os jornaes publicam uma proclamação que se espalhou na Hungria e que se attribue a Kossuth.

Damol-a em seguida:

Por ordem de Luiz Kossuth, o Comité Nacional de independência á Nação.

«A fidelidade á bandeira do 1849 se man-teu no coração da nossa nação. Recusando admit-tir especie alguma de transacção, a grande maio-ria da nação está firmemente resolta a sacudir o jugo detestado da dominação allemã.

«Mas como os signaes exteriores da nossa vida nacional, nestes ultimos tempos, não estavam em harmonia com esta resolução, nossos aliados naturaes no exterior conceberam duvidas sobre a firmeza de nossos designios.

«Estas duvidas foram o maior obstaculo aos

esforços do nosso governo tendentes á liberdade da patria.

«A remoção desse obstaculo torna-se uma necessidade imperiosa perante o novo andamento dos acontecimentos europens, andamento que offerece uma perspectiva cheia de promessas a to-dos os povos que gemem debaixo do jugo estran-geiro.

«Devemos dar signal de vida a fim de que nossos aliados naturaes se persuadam que contra o inimigo commum, elles podem seguramente contar com os braços dos Madgyars.

«Nós devemos acautelar-nos para que as mentiras da Austria espavorida não arrastem a nossa nação ao laço.

«Devemos preparar-nos para estar em es-tado de utilizar energicamente a occasião favora-vel.

«Para chegar a este resultado o governador Luiz Kossuth, fazendo cessar toda a disposição anterior, e tendo julgado necessario ordenar a formação de um novo comité geral, faz saber á nação, pelo presente acto, que em virtude d'esta ordem, o comité geral de independência se constituiu, que tem por fim realisar a declaração da independência de 1849, e que cheio de reso-lução e prompto para todos os sacrificios, assumiu a direcção dos negocios, segundo as instrucções recebidas, ou para receber, do governo eleito de nossa patria.

«O comité espera dos sentimentos patrioti-cos da nação que as ordens d'elle emanadas serão promptamente executadas, que serão seguidas suas instrucções, e que suas medidas receberão um completo cumprimento.

«Ao mesmo tempo, convida seriamente os inimigos delarados e occultos da bandeira de 1849 a absterem-se de quaesquer enredos ou in-trigas para não soffrerem o castigo que merecem os traidores.

«De todo o modo, o comité geral de inde-pendencia declara que saberá e que está bem de-cidido a assegurar a obediencia ás suas ordens e o cumprimento das medidas que deverá tomar.

«Viva a nação e boa esperança! que todo o bom patriota se prepare para a acção!

«E' a nossa divisa: = 1849 e victoria! =

«Feita em Bude Pesth, em 24 de novembro de 1863.»

Dos jornaes dos ultimos correios copiamos os seguintes telegrammas:

Cadix 30. — Confirmam-se as noticias acerca das repetidas derrotas dos rebeldes de S. Domingos, e afirma-se que dois dos seus principaes che-fes de grande prestigio para elles haviam fugido.

Outro chefe mandou fuzilar algumas pessoas que trabalhavam a favor de uma mesma contra-revolução.

Logo que as nossas tropas occuparam Azua, começaram com toda a energia as operações sobre Cibao, ultimo intrincheiramento da insurreicção.

As cartas de Vera-Cruz datadas do 1.º do corrente, e que trazem noticias do Mexico que alcançam a 25 de novembro, confirmam o facto de se ter annunciado officialmente a acceitação da corôa imperial pelo principe Maximiliano, e a ce-lebração da noticia com grandes illuminações e regosijos publicos.

Dá-se por indubitavel a occupação de Que-retaro e a circumstancias de terem havido encon-tros ainda que de pouca importancia, a favor do exercito aliado.

O assassinato de Commonfort attribue-se a uma guerrilha de bandidos:

Havia chegado á Havana o 6.º batalhão de infantaria de marinha.

Na Havana e em Porto Rico havia socego.

Paris 30.—Um telegramma de Copenhague com a data de hoje diz que ainda não se havia constituído o ministerio.

A «Gazeta de França» afirma que Forey irá a Miramar encarregado de uma missão junto ao principe Maximiliano.

Paris 31.—As noticias de Veracruz alcan-çam ao dia 2:

O general Bazaine com as suas tropas dirige-se para o Pacifico. Outro corpo do exercito vae em direcção de S. Luiz.

As tropas francezas da guarnição em Vera-cruz e outras partes de terras quentes serão brevemente substituidas por tropas mexicanas.

Paris 30 (á noite).—Os consolidados turcos ficaram a 47 3/4.

Hamburgo 30.—O principe Augustemburgo chegou a Keil.

Paris 30 (á noite).—Chegou a Southampton o correio da America.

As noticias de S. Domingos alcançam a 5: Continuuam a chegar reforços.

Tanto os hespanhoes como os insurgentes haviam tido grandes perdas.

Morreu o novo capitão general.

O general Gandara está ferido.

Copenhague.—Ha poucas esperanças de paz, o ministerio ha de seguir uma politica constitu-cional. O rei chegou a Sleswig. O exercito acha-se concentrado nas margens do Eyder.

VARIÉDADES

o homem feliz

Não sou feio nem bonito, alto nem baixo, o que me é indiferente; gozo perfeita saude, que é o essencial. Não ligo importancia alguma á belle-la nem á regularidade das feições; e menos me importa que sejam negros ou gazos, azues ou verdes, grandes ou microscopicos os meus olhos,

com tanto que veja bem. Para que hei de amofi-nar-me por ter um nariz disforme, em vez de ser grego ou romano, se com elle aspiro o aroma que exhalam as flores e os perfumes das damas? Se tenho uma bocca rasgada, serve-me ella para fallar e comer com mais commodidade; se sou calvo, estou naturalmente dispensado de me cortar-em o cabelo e de gastar dinheiro em pomadas; se sou obozo, melhor, apoio os braços no abdo-men e ando com elles descansados.

Não tenho emprego, nem o solicito, para que ninguém m'o guerrie. Não me impressiona acontecimento algum politico, e divirto-me em encarar as coisas pelo lado ridiculo.

Como duas, trez ou quatro vezes ao dia, isto é, como sempre que tenho appetite: não visito pessoa alguma que me seja indiferente, por isso que me é indiferente qualquer visita.

Tapo os ouvidos quando ouço fallar mal de alguem, ou dizer sandices e vulgaridades com pertencões de sabedoria; aborrego os periodicos venaes, pejados de verrinas, que investivam propo-sitadamente o cidadão probo, e que questionam pessoas e não principios: em compensação apraz-me o ouvir dizer bem do proximo, ir ao theatro e arrobar-me com a musica; aceito tudo o que me offerecem, para não ferir susceptibilidades; mas nunca pego coisa alguma, com receio de não ser servido. Não faço castellos no ar, por ver que são irrealisaveis, mas não fico ocioso, quando se me proporciona uma occasião oportuna.

Dizem que as mulheres são coquettes, astu-tas, perjuras, felinas, etc. etc. Eu não creio em tal; quanto a mim, todas são meigas, innocentes, constantes, fieis. Nunca me preocupa o pensar no que fará o namoro durante a minha ausen-cia; o que pretendo é ser sempre bem recebido. Não investigo se tem tinta nos dedos, se consul-ta com impaciencia o relógio, se não desprende os olhos da porta do quarto; não reparo nos sob-resaltos, nas contradicções, nem procuro descu-brir se o seu rizo é forçado; jura que me adora, e isto basta para persuadir-me; se veja que tem visita, importuno-a o menos possivel; e se chego a convencer-me de que algum pretendente lhe começa a parecer tão bem como eu no principio dos nossos amores, digo-lhe «eu venho já» mas nunca mais lá volto e vou levar a outra parte o meu culto e credulidade, porque possuo um fun-do de philosophia, que me torna superior a todas as ninharias da vida.

Uns consideram-me tolo, outros sabio; mui-tos ridiculisam o que chamam minha indifferen-ça, e outros invejam-na; alguns accusam-me de insensibilidade e amor proprio; e todos me chamam original, raro, extravagante ou excentri-co; eu porém julgo-me feliz, o que é o princi-pal. Dizem que a idade me fará sensato e sist-do, o que me parece que já sou. Os annos pas-sam por mim desaperecidos, não penso na velhi-cie e dedico-me a fazer bom uso da vida. Faço o bem que posso, e sou incapaz de praticar o mal. Qu'importa chegar a ser muito velho, quando se não tenha vivido feliz? Ha velhos que não poderão contar no decurso da sua propecta idade um an-no em que foram verdadeiramente felizes; eu, se morrer aos trinta, terei vivido mais que elles, porque terei vivido melhor.

Trad. do Cascabel. (Correio do Norte.)

NOTICIARIO

Obito.—Falleceu em Lisboa o sr. conde de Laborin, José Joaquim Geraldo de Sampaio, que actualmente era um dos mais altos dignita-rios do estado.

Nascera o illustre finado em 1781, segundo affirmava um nosso collega do Porto.

Foi feito par do reino em 1834, entrando n'essa mesma data no Supremo Tribunal de justi-ça. Foi-lhe concedido o titulo de visconde em 1835, e o de conde por occasião do consorcio de el-rei.

Actualmente era conselheiro de estado, vi-ce-presidente da camara dos pares, e presidente do Supremo Tribunal de justiça.

Era grão-cruz da ordem de S. Thiago e da de Isabel a Catholica, commendador da Torre Espada, Conceição, etc.; e além de tudo, era o illustre conde um velho liberal, um magistrado recto, probo e de muita intelligencia, e um homem de grande bondade de coração.

Outro.—Falleceu igualmente o sr. D. Antonio José de Mello, commandante da 7.ª di-visão militar.

Exercitos de Londres.—D'um jornal de Pariz extrahimos o seguinte:

Allemanha, com uma população de habitan-tes 16:960,512, tem um exercito de 178,576 homens, com o qual dispende 82:698,687 francos annuaes.

Austria, com uma população de 35:019,058 habitantes, tem um exercito de 467,211 homens, com o qual dispende 355:554,200 francos.

Belgica, com uma população de 4:671,183 habitantes, tem um exercito de 40,115 homens, com o qual dispende 32:252,630 francos.

Hespanha, com uma população de habitan-tes 15:500,000, tem um exercito de homens 120,000 com o qual dispende 125:661,871 fran-cos.

Os Estados Pontificios, com uma população de 684,306 habitantes, tem um exercito de 8,845 homens, com o qual dispende 4:422,500 fran-cos.

França, com uma população de habitantes 37:500,000, tem um exercito de 513,349 ho-mens, com o qual dispende 688:645,395 fran-cos.

Grecia, com uma população de habitantes 1:096,000, tem um exercito de 10,921 ho-mens, com o qual dispende 4:434,826 fran-cos.

Hollanda, com uma população de 3:569,456 habitantes, tem um exercito de 59,431 ho-mens, com o qual dispende 46:907,920 fran-cos.

Italia, com uma população de habitantes 21:920,269 tem um exercito de 314,285 ho-mens, com o qual dispende 329:661,141 fran-cos.

Prussia, com uma população de habitantes 18:500,446, tem um exercito de 214,482 ho-mens, com o qual dispende 155:733,672 fran-cos.

O Reino Unido da Gran-Bertanha, com uma população de 29:193,319 habitantes, tem um exer-cito de 300,000 homes, com o qual dispende fran-cos 677:429,375.

Russia, com uma população de habitante, 64:000,000 tem um exercito de 1:000,285 homens, com o qual dispende 529:240,000 francos.

Dinamarca, com uma população de 2:605,024 habitantes, tem um exercito de 50,000 homens, com o qual dispende 17:538,618 francos.

Suecia, com uma população de habitantes 2:856,888, tem um exercito de 67,867 homens, com o qual dispende 17:086,604 francos.

Noruega, com uma população de habitantes 1:433,734, tem um exercito de 18,157 ho-mens, com o qual dispende 8:447,706 fran-cos.

Turquia, com uma população de habitantes 39:000,000, tem um exercito de 429,000 ho-mens, com o qual dispende 150,000 fran-cos.

O frio.—Não ha coisa que me congele mais o sangue que o sorriso *glacial* de uma mu-lher.

Uma conversação *fria* e desanimada faz-me *tiritar*.

Ha coisa que se pareça com o *frio* da morte?

Que belleza se encontra n'um quadro *frio* sem essa vida que lhe soem dar os grandes artis-tas?

Perguntae a uma mãe se ha coisa que lhe produza mais terrivel impressão que sentir *frias* as mãos da filha a quem acaricia e cuja vida es-tá em perigo...

Nada sinto mais *frio* que o inverno, e um olhar feminal que me não acende o coração.

Deve ser horrivelmente *frio* o remorso.

Nunca soffica mais *frio* que quando se reco-nhece um *desengano*.

Uma d'estas chronicas diarias é *fria* quando não ha acontecimentos que a aqueçam ou estimu-los que incendeiem a imaginação da chro-nicista.

Ao traçar estas linhas transformei-me n'uma bola de gelo, e o leitor fica de certo *frio* como a noite d'hoje. (Rev. de Setembro.)

Aos duellistas.— Aos que procuram fazer innovações na maneira de desaggravarem a honra em duellos dos quos não resulte perder-se a honra e a vida quando o offensor acerta de nos matar, caso raro na historia da duellistico mania, offerecemos a seguinte noticia que encon-tramos n'um periodico estrangeiro.

Ultimamente nos Estados Unidos o general Schurz, do exercito federal, offendido de que um politiquero de Nova York o houvesse calumniado accusando-o de -se haver portado covardemente na batalha de Chancellorsville, enviou-lhe um cartel de desafio bastante original, mas até certo ponto racional:

«Não lhe proponho (dizia elle) que troque-mos alguns tiros de pistola, porque tenho a cer-teza de que o matava; e n'esse caso ficava eu sendo um assassino, e os duellos tem por fim lavar a gente das nodos que nos deitam. Provo-co-o a expiar o seu delicto de maneira mais rasoa-vel.

Venha para a minha barraca de campanha. Dar-lhe-hei cama e mesa, e passará por todas as provações por que passa um general em campai-nha, mas com a condição de me seguir a toda a parte, e de passar por todos os trabalhos que eu tiver. Se é homem de brio, venha. Se pro-var depois d'isto que é mais valente e corajoso que eu, acceitarei o ignominioso titulo de covarde que me deu; arrancarei a espada e as drago-nas, e fugirei para as florestas. Se não acceita ficará o senhor sendo o covarde que eu creio não ser.»

O offensor não acceitou este genero de duello, e o general ficou desaggravado.

(Idem.)

Velocidade da força nervosa.— O jornal inglez *The veterinarian* estabelece que com auxilio de um chrouscopio o sr. Hirsch chegou a concluir que os nervos transmitem as suas im-pressões a 24 metros por segundo, diz o *Esco-liaste*. O sr. Heinholtz avallou esta velocidade em 190 pés por segundo; mas as suas experi-encias foram feitas sobre os nervos motores de uma rã, e as de Hirsch nós nervos sensitivos de um homem. (Idem.)

Hydrophobo.— Deve chegar a Lisboa um destes dias um desgraçado, natural do dis-tricto de Satarem, o qual havendo sido mordido por um cão lhe sobreviu um horrivel ataque de hydrophobia. Vein n'uma carroagem especial do caminho de ferro, e com todas as precauções ne-cessarias, a ver se a sciencia consegue melhora-lo, o que seria um grande milagre, depois de findo o prazo em que esta medonha doença é suscepti-vel de cura. (Idem.)

Caixa Economica. — Reuniram-se na quarta-feira nas salas do *Club Aveirense* os accionistas da Caixa Economica para assistirem á leitura do relatório da gerencia passada, e procederem á eleição da nova direcção.

Presidiu o sr. dr. Bento de Magalhães, sendo secretario o sr. Agostinho D. Pinheiro e Silva.

Feita a chamada verificou-se estarem presentes accionistas em numero sufficiente para a assembleia funcionar legalmente.

O sr. secretario lou a acta da sessão antecedente que não foi impugnada.

Lêu-se o parecer da commissão fiscal que approvava as contas da gerencia finda, achando a escripturação com o maior accio, com muita regularidade e com a possível clareza.

Lêu o sr. secretario o seu relatório, sendo a sua interessante leitura ouvida com a mais rigorosa attenção.

Propoz o sr. José Chrispiano que na acta se consignasse um voto de louvor ao sr. secretario pelo seu bem elaborado relatório, e que egual voto fosse dado á direcção pelo bem que tem administrado e pelos serviços prestados a este utilissimo estabelecimento; pediu o sr. dr. José Pereira que este voto se estendesse no seu venerando fundador, o exm.º sr. conselheiro Nicolau Anastacio de Bettencourt.

A assembleia applaudiu calorosamente estas propostas.

Procedeu-se á eleição da nova direcção que foi, pela sexta vez, eleita por aclamação.

Nomeou-se a commissão fiscal que no futuro anno tem de examinar as contas da gerencia que ante-hontem principiou, ficando composta dos srs. Luiz Pereira do Valle, Antonio Pereira Junior, e Sebastião de Sá Pinto.

Foram propostos e admittidos novos accionistas.

No numero immediato publicaremos o relatório que o illustre secretario da direcção teve a bondade de nos offerecer.

Os nossos leitores terão então occasião de apreciar este interessante documento, rico pelo estilo e importante pelo assumpto. Para elle chamaremos toda a sua attenção.

Cheios de jubilo pelo estado de prosperidade em que vemos este estabelecimento, damos aqui os nossos sinceros e cordaes parabens á benemerita direcção e em geral a todos os nossos patrios.

Espectaculo repugnante. — Todas as tardes e a qualquer hora da noite se encontra ali nas principaes ruas e praças da cidade uma mulher em lastimoso estado de embriaguez, recitando cantigas obscenas, jogando a quem passa toda a casta de improperios, e vociferando contra todos e a proposito de tudo.

Ora este espectaculo, que pode agradar a algumas pessoas, como cremos que agrada, porque de proposito fornece a mulher, que é pobrissima, dinheiro para se embriagar, desagrada e repugna a toda a gente sensata.

Em nome da moralidade publica pedimos á auctoridade que nos livre d'essa scena que ali se repete quotidianamente.

Talvez não lhe fizessem mal alguns dias de correcção na cadeia, repetindo ou ameaçando-a com o mesmo castigo, quando continuasse com tão innocente brincadeira.

Lembra nos que muito mais conveniente seria que a auctoridade persuadisse esta mulher e sua filha a removerem-se d'esta cidade, da qual por alguns annos se conservaram ausentes, com bem poucas saudades dos seus habitantes.

Tambem de vez em quando apparece ali um homem que pelos modos, e pelos urros que dá parece maniac.

Affiançam-nos que este desgraçado pertence a uma familia de abastados lavradores da Bairrada.

Bom seria obstar á sua divagação por essas ruas, e mesmo remettel-o para Rilhafoles, se a familia se recusar a retel-o e dar-lhe alimentos.

Chamamos para um e outro facto a attenção do sr. administrador do concelho.

Eleições. — Procedeu-se na quarta-feira á eleição da nova mesa da veneravel Ordem Terceira de S. Francisco. Foi eleito commissario o rd.º prior da freguezia da Vera-Cruz, e foram egualmente reconduzidos alguns dos antigos mesarios.

Tambem no mesmo dia se procedeu á eleição dos irmãos do Senhor dos Passos, que no presente anno tem de fazer as despesas d'esta respeitavel procissão.

S. Gonçalo. — Festeja-se no proximo domingo na igreja de Nossa Senhora da Gloria o milagroso S. Gonçalo.

Haverá festa de manhã, e á tarde sermão, sendo orador o rd.º José Martius, cura da mesma freguezia.

Consta-nos que na noite de sabbado haverá musica á porta da igreja, e fogueiras pela rua de Jesus.

Destacamento. — Chegou na terça-feira a esta cidade um destacamento de infantaria n.º 6 que veio render outro de egual arma e de numero 5 que se achava n'esta cidade; aquelle do commando do sr. capitão Batalha e este do sr. capitão Ayres.

Veio aquelle de Penafiel, e este partiu na manhã de quarta-feira para o Porto, onde está o regimento.

Deixou o sr. Ayres Augusto d'Oliveira n'esta cidade saudades, como as deixa sempre um cavalleiro delicado e de fino trato como é s. s.º.

A caridade publica. — Existe na beira mar uma pobre entrevada, que não tendo já que vender, está a ponto de morrer á mingoa, se lhe não valerem as almas caridosas. Chama-se Rosa

de Jesus, é mulher de João Rodrigues Casimiro, e moradora na rua de S. Roque.

Imploramos para ella a compaixão publica.

Jantar aos presos. — O sr. ministro da marinha, Mendes Leal, por occasião da sua passagem por Aveiro entregou ao sr. dr. Marques Tavares, administrador d'este concelho, uma quantia destinada a ser repartida pelos presos nas cadeas d'esta cidade.

Era pequena a quantia para esse fim offerta da pelo sr. ministro da marinha, que ao entrégala teve a nobre franqueza de declarar «que não podia dar mais, porque era pobre»; por isso o sr. administrador entendeu que era mais conveniente dar aos presos um jantar, do que entregar a cada um o que lhe pertencia em dinheiro. E assim o fez, pondo do seu bolso o dinheiro que faltava e fazendo distribuir no dia 6 do corrente um abundante jantar aos pobres encarcerados.

Cabe por este facto muita honra ao sr. Mendes Leal, que apesar de não ser abastado, reparte do que tem com os necessitados, e ao sr. Marques Tavares, pela maneira por que applicou a esmola do sr. ministro, supprindo do seu bolso aquillo, a que ella não chegava.

Estudantes. — Tem nestes ultimos dias chegado á esta cidade muitos estudantes da universidade, vindos do norte, e aproveitando o caminho do ferro das Devezas até Estarreja.

Os que chegaram ultimamente, os que ainda aqui se conservavam desde as festas do Natal e os nossos patrios, partiram hontem de manhã para Coimbra. De tarde vieram mais, e alguns tiveram de ir a pé até á Mealhada, por não encontrarem vehiculo nem um unico cavallo para alugarem.

Phenomeno. — Hontem pelas 6 1/2 horas da tarde appareceu no céu um signal que não sabemos como os astrónomos denominarão. Era uma cauda luminosa apoiada sobre uma larga listra tambem cor de fogo. Este signal espalhava immenso claror. Alguns queriam que fosse uma aurora boreal, mas outros asserveram que as auroras só apparecem ao norte, em tanto que o signal d'hontem se observava mais ao nascente.

Vereinos o que a astronomia decide.

Vieram logo os prognosticos do povo supersticioso, que toma sempre como mau agouro o apparecimento d'estes phenomenos.

Balles de mascaras. — No domingo immediato, 17 do corrente, principiam os balles de mascaras no theatro dos artistas, como vae annunciando no logar competente.

N'uma terra onde ha tamanha mingoa de divertimentos publicos, venham ao menos os balles de mascaras, si não se d'esta invariabilidade, haja ao menos pretexto para se deixar a casa e a fogueira.

A opposição não disputou nenhuma d'estas eleições.

Foi lido o decreto real que nomeia presidente da camara dos srs. deputados o sr. Cezario, e vice-presidente o sr. Oliveira Baptista.

Prestando juramento na qualidade de presidente d'esta camara o sr. Cezario, ficou constituída a meza definitiva.

O sr. presidente n'uma breve allocução agradeceu á camara a honra que acabava de lhe fazer, e prometeu ser imparcial.

Foi approvada depois, sem discussão, a eleição de Loulé, e prestou juramento o sr. João Antonio de Souza.

O sr. Quaresma deu parte á camara do fallecimento do sr. Thiago de Horta, acompanhando esta noticia de sentidissimas palavras em abono das qualidades do fallecido, que por todos era estimado.

A camara votou unanimemente que se consignasse na acta o profundo sentimento com que foi recebida esta triste noticia.

Por fim foi distribuido pela camara o organamento do estado.

Eligamos que o sr. ministro da fazenda prestasse assim homenagem a este preceito constitucional. Não o podia apresentar mais cedo. Agora é mister que os srs. deputados cumpram com o seu dever, e não deixem para o fim, e quando tudo são pressas, a discussão de um objecto tão importante a todos os re-pteitos.

Este documento mostra que o rendimento do estado para o anno economico de 1864-1865 se achava calculado na importancia de rs. 16.500:377,685, e a despeza em 17.147:964,812 réis; d'onde resulta um deficit de 647:587,127 réis, devendo addicionar-se a esta quantia 327:272,272 réis dos juros emprestimo ultimamente contrahidos.

Para atenuar este deficit conta o sr. ministro da fazenda com o augmento provavel do rendimento aduaneiro, com os generosos donativos da dotação da familia real, com as contribuições pessoal, industrial e de registro, com o augmento do imposto de transitio nos caminhos de ferro, e finalmente com o do augmento do tabaco, seja qualquer que for o systema que se adopte.

Diz mais o relatório que precede este importante documento que o governo se congratula com a camara, apresentando-lhe um organamento em que as probabilidades são todas de que as despesas ordinarias serão satisfeitas pelas receitas ordinarias.

Tem sido publicada a nova organisação do exercito com a qual, se assevera, que estão todos os officiaes de todas as armas descontentes.

Parece que o sr. ministro da guerra não consultou os seus camaradas competentes na materia, e entregou esta obra só aos srs. Valdez e Macedo.

Tem sido avaliada do modo mais lisonjeiro por alguns jornaes francezes a carta que S. M. El-Rei dirigiu ao imperador Napoleão em resposta no convite d'este para o congresso europeu.

Se tivermos espago transcreveriamos o como a avalia um dos primeiros jornaes de Paris, mas não o temos.

A constante irregularidade com que os vapores da companhia União Mercantil tem feito as suas carreiras para as costas d'Africa fez, segundo consta, que o sr. ministro das obras publicas se determinasse a resolver definitivamente a questão d'esta companhia.

E' evidente o prejuizo que ao commercio resulta de semelhante irregularidade.

Encerrou-se por 3 dias a camara dos dignos pares em signal de sentimento pela morte do seu vice-presidente, o sr. conde de Laborim, do qual fallamos em outro logar d'esta folha.

No noticiario do «Journal do Porto» lemos o seguinte, que com muita satisfação e desejos de que se realize, transcrevemos:

CORREIO

Está aberto o parlamento para a sessão de 1864. O ministerio, como sempre acreditamos, atravessou todos os boatos da demissão e reconstrução, e cil-o em frente dos juizes que constitucionalmente o devem julgar.

São tão variados e de tanto interesse para o paiz os assumptos que tem de ser tratados n'esta sessão legislativa, que muito é para desejar que o tempo seja bem aproveitado, e não se gaste em questões facciosas e meramente pessoais.

Esta sessão tem de ser fechada infallivelmente no derradeiro de março. Não pode ser prorogada. Se a camara, á maneira de outros annos, gastar só com a resposta ao discurso da coroa 20 ou 30 dias, se com qualquer questão pessoal consumir sessões e sessões, não tem tempo para avaliar e discutir a quarta parte dos assumptos de que faz menção o discurso da coroa.

Diz-se, que a opposição, em uma reunião que fizera decidira *guerrear o governo em tudo e por tudo!*

Não acreditamos em tal deliberação por excessivamente facciosa. Pois a opposição havia de tomar semelhante deliberação sem se lembrar que atraz d'ella está o paiz contemplando-a e avaliando o seu procedimento? Não vê ella que se guerrear aquellas medidas que são de reconhecida utilidade para o paiz, os seus constituintes d'hoje podem negar-lhe a procuração amanhã?

Desejamos muito sinceramente que nas questões de interesse e nas politicas, se por ventura se ventilearem, não haja partidos, e sejam tratadas e discutidas sem a menor animosidade e sem o mais leve resentimento pessoal. Até nos parece que um procedimento assim seria o mais conveniente á opposição, e aquelle com que ella mais lucraria ante a opinião publica.

Nunca o parlamento se abriu com tamanho numero de srs. deputados presentes nas primeiras sessões. Na sessão do dia 4 estiveram presentes 108 srs. deputados. Procedeu-se á eleição do presidente da camara, e no 1.º escrutinio só alcançou maioria absoluta o sr. Cezario, lente de medicina pela Universidade de Coimbra e deputado por Mira. Procedeu-se ao 2.º escrutinio para vice-presidente, e obteve maioria o sr. Oliveira Baptista. A lista quintupla para ser apresentada a S. M. foi preenchida em 3.º escrutinio com os nomes dos srs. Placido d'Abreu, Sá Nogueira e Faria Guimarães. Ainda se procedeu á eleição dos secretarios, mas não obteve maioria absoluta senão o sr. Miguel Ozorio.

Na sessão da camara dos srs. deputados do dia 5 do corrente procedeu-se á eleição do segundo secretario, e sahio eleito o sr. Antonio Eleuterio; tambem foram eleitos para vice-secretarios os srs. José Menezes Toste, e Antonio Carlos da Maia.

MOVIMENTO DA BARRA D'AVEIRO

Embarcações entradas em 5 de janeiro de 1864

PORTO—Hiate port. «Nelson», m. J. S. Amaro, 7 pes. de trip.; 1 passageiro, lastro.

IDEM—Hiate port. «Lealdade», m. M. A. Lebre, 7 pes. de trip., lastro.

IDEM—Hiate port. «União», m. M. dos S. Chaves, 6 pes. de trip., lastro.

IDEM—Hiate port. «S. Lourenço», m. M. Vicente, 6 pes. de trip., ferro.

IDEM—Hiate port. «Razoilo 1.º», m. D. da Rocha, 8 pes. de trip., lastro.

Sahidas em 6

PORTO—Hiate port. «Deus Sobre tudo», m. J. S. Ré, 7 pes. de trip., sal.

IDEM—Hiate port. «Cruz 4.º», m. J. da Rocha, 9 pes. de trip., sal.

IDEM—Hiate port. «Cruz 1.º», m. A. d'A. Laborinho, 8 pes. de trip., sal.

IDEM—Hiate port. «Primavera», m. J. da Rocha, 7 pes. de trip., sal.

ANNUNCIOS

Arrenda-se nos suburbios d'esta cidade uma praia nas condições favoraveis para produzir muito e bom arroz.

Quem a pertender arrendar dirija-se até ao dia 20 do corrente a Jeronymo Fernandes da Silva, em Arnellas.

CLUB AVEIRENSE

Da parte da Direcção são convidados os socios effectivos do Club Aveirense — para se reunirem em assemblea geral, pelas 7 horas da tarde do dia 10 do corrente, afim de se proceder á eleição de nova direcção.

Manuel da Rocha Salgueiro
Secretario.

BOUDOIR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

SOB A PROTEÇÃO DE

S. M. El-Rei e Senhor D. Fernando II

Nas suas differentes secções: trata de satyra fina, modas, theatros, musica e caricaturas.

Os srs. assignantes recebem gratuitamente com o figurino relativo ás modas de cada mez, uma de debuxos.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Moeda forte)

Por semestre (serie de 24 numeros)..... 1\$40 sr.

Por trimestre (serie de 12 numeros)..... 720 »

Para fora da capital augmenta a importancia das estampillas.

LIVRARIA

Entre o numerosissimo e variado sortimento de livros que acabam de chegar á livraria de João da Silva Mello Guimarães, recebem tambem: Todas as publicações do nosso primeiro romancista Camillo Castello Branco: As obras completas do visconde d'Almeida Garrett: Todas as publicações de Alexandre Herculano: Obras de Luiz de Camões pelo visconde de Juromanhia: Historia Universal por Cesar Cantu: Diccionario Bibliographico portuguez, estudos de Innocencio Francisco da Silva: Codigo Administrativo anotado, nova edição official de 1863; livro indispensavel ás juntas de parochia: Vie de Jesus, por Mr. Renan; 10.ª edição: Variado sortimento de livros de missa e semana santa, e albums para retratos, com ricas encadernações em marroquim, velludo, marfim, madreperola, etc.

Numerosa collecção de photographias, entre as quaes muitas de José Estevão: Livros para assentos parochiaes: Grande sortimento de livros em branco: Papel pautado para livros e escripturação: Cartas de jogar, francezas: Pelos mesmos preços se encontram aqui á cienda todos os livros que se procuram nas principais livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

THEATRO

DOS

ARTISTAS AVEIRENSES

Domingo 17 do corrente

Primeiro baile de mascaras da presente quadra. O theatro achar-se-ha convenientemente preparado para a recepção dos convidados.

Entrada ás 7 horas e meia.

Os bilhetes acham-se á venda na loja do sr. Domingos da Silva Souto, na rua dos Mercadores.

RESPONSAVEL:—M. C. da Silveira Pimentel.

Typ. do «Districto de Aveiro»

LARGO DE S. GONÇALLO